

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2022-05-16

Deposited version:

Accepted Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Almeida, E. C. (2018). África Colonial no Centenário da Guerra de 1914-1918: Angola e Moçambique, os casos em análise. Beau Basin. Novas Edições Acadêmicas.

Further information on publisher's website:

--

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Almeida, E. C. (2018). África Colonial no Centenário da Guerra de 1914-1918: Angola e Moçambique, os casos em análise. Beau Basin. Novas Edições Acadêmicas.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

**África Colonial no Centenário da Guerra de 1914-1918:
Angola e Moçambique os casos em análise**

Eugénio Costa Almeida^{123a}

Índice

Prefácio	3
Preâmbulo	6
Resumo / Abstract:	7
1. Introdução	8
2. As pré-crisis territoriais euro-africanas e o contributo para o fortalecimento das potências coloniais	14
2. 1. Algumas crises europeias em África na formulação territorial	16
2. 2. A crise anglo-bóer	18
3. Os africanos no conflito de 1914-1918	21
3. 1. A participação dos expedicionários africanos	21
3.1.1. Os expedicionários dos territórios franceses	22
3.1.2. Os expedicionários anglo-sul-africanos	23
3.1.3. As colónias germânicas da Ostafrika à Deutsch-Südwestafrika, a <i>Mittelafrika</i>	25
3.1.4. Os territórios portugueses de Angola e Moçambique	26
3.1.4.1. Moçambique	26
3.1.4.2. Angola	33
4. A nova África pós 1918	36
5. Conclusão	40
Referências bibliográficas	44
Identificação	52

Índice de fotos, mapas e quadros

Foto 1:	Soldados africanos – senegaleses – na 1ª Guerra Mundial	9
Mapa 1:	As alianças militares no início da Guerra 1914-1918	10
Mapa 2:	África colonial em 1914	16
Mapa 3:	A fronteira do Rovuma (Norte de Moçambique)	27
Mapa 4:	Incursão das Schutztruppe em Moçambique, por von Lettow Vorbeque	31
Mapa 5:	Mapa da região do Baixo Cunene (Sul de Angola) e Damaralândia (Namíbia)	34
Mapa 6:	África após 1918	38
Quadro 1:	Territórios africanos participantes na 1ª Guerra Mundial	43

Prefácio

De uma forma geral e desde sempre os africanos foram (em alguns casos continuam a ser) instrumentos descartáveis nas mãos dos colonizadores. Ontem uns, hoje outros. Entre escravos, carne para canhão e voluntários devidamente amarrados, foram um pouco de tudo. Muitas vezes foram tudo ao mesmo tempo. Na I Guerra Mundial, como eximamente aqui explica o Eugénio Costa Almeida, deram (pudera!) o corpo às balas, a alma ao Diabo e a dignidade às valas comuns.

Neste conflito alheio, mais de um milhão estiveram na frente de combate, morreram mais de 100 mil. Alguém se recorda hoje deles, ou os recorda, com a dignidade histórica que merecem? Se ser soldado desconhecido é só por si um drama, ser um soldado desconhecido... africano é obra desenganada. Infelizmente.

De uma forma geral, como 100 anos depois continua a ser verificado, os africanos são um povo (*lato sensu*) ingénuo que, mesmo depois de ter poder de decisão, acredita em milagres, sobretudo quando estes não são feitos por santos da casa. Não admira, por isso, como refere o Eugénio Costa Almeida, que muitos dos seus dirigentes da época (tal como os de hoje) “esperavam que a sua participação, em pé de igualdade com os seus companheiros de armas europeus e americanos, numa guerra que não lhes dizia respeito, mas que lhes foi imposta”, lhes trouxesse “melhorias constitucionais, económicas e sociais nos seus territórios de origem”.

Enganaram-se. O máximo que conseguiram como reconhecimento ao seu esforço e dedicação foi mudarem de donos. Ficou, contudo, a semente da

rebelião que germinaria no deserto de injustiças que os europeus foram, do alto da sua suposta superioridade, regando.

Suposta superioridade que levou os europeus a pensarem que, regando essa semente, acabariam por a afogar. É claro que, mesmo no próprio continente africano, muita dessa rega foi feita com sangue e não com água. Denominador comum em todas as guerras em África entre africanos: a ambição ocidental em dominar as riquezas autóctones.

Em Angola (tal como noutras colónias) recorda o autor com oportunidade e conhecimento de causa, as consequências, o acerto de contas, surgiram meio século depois, contra as potências coloniais. Embora banidas pelo uso da razão da força conseguiram que a força da razão se mantivesse viva e, com a ajuda dos europeus africanos, gerasse um imparável nacionalismo.

A tudo isto acresce, como aponta Eugénio Costa Almeida, a megalómana tese europeia de que a História só é válida quando são os europeus a contá-la. Daí a tendência de, por regra, esquecer o contributo da participação de africanos. Até mesmo nos meios académicos, supostamente mais equidistantes de interesses rácicos, os africanos eram vistos como seres menores, auxiliares, sem direito a figurar como combatentes em pé de igualdade com os europeus juntos dos quais mataram e morrem por, corrobore-se, uma causa que não era sua.

“Recentes documentos, entretanto, disponibilizados, mostram que a presença dos africanos foi muito maior do que parecia expectável”, assinala o autor, acrescentando que (...) “a participação de expedicionários africanos (soldados e carregadores) junto das forças anglo-francesas se elevou a mais de 500.000 indivíduos; (...) entre os mais de 1.186.000 tropas francófonas

mortas em combate, cerca de 71.100 eram provenientes das colónias francesas da Argélia, Madagáscar, Marrocos, Senegal e Tunísia”.

Ao longo dos tempos, milhares de africanos morreram para ajudar os europeus. Quantos europeus morreram para ajudar os africanos? Pois. Essa é outra história da nossa História comum que, contudo, não é o tema deste excelente livro do Eugénio Costa Almeida.

Orlando Castro

Jornalista, Historiador e Ensaísta angolano-português

Preâmbulo

O ensaio que ora se expõe, tem por base o texto “A África-colonial e a I Guerra Mundial: A participação africana no conflito euro-mundial de 1914-1918” apresentado no II Congresso Internacional do Observare/UAL «GUERRA MUNDIAL E RELAÇÕES INTERNACIONAIS: 100 anos depois de 1914», no 9º Painel “A transnacionalização dos conflitos”, em 2 e 3 de Julho de 2014.

Do corpo global do texto foi retirado e proferido um resumo oral na Conferência, que foi publicado no livro de Actas «II Congresso Internacional Observare: Guerra Mundial e Relações Internacionais, 100 anos depois de 1914» (OBSERVARE, 2014: 126-127).

Face ao honroso convite do editor para publicar em livro este tema, dado o mesmo ser bastas vezes consultado, e através do resumo inserido ao portal do Academia.edu, acedi em fazer publicar este ensaio para uma maior consulta global.

Naturalmente, o texto inicial foi objecto de uma revisão e ampliação que considerei necessárias.

De notar que os conflitos em terras dominadas pelo poder colonial português foram os que merecerem maior ênfase neste ensaio.

Espero que este ensaio vá ao encontro das expectativas do editor e dos leitores.

aos 30 de Março de 2018

o autor

Resumo:

Neste ensaio está a ser abordado a participação dos soldados africanos na I Guerra Mundial e como isso contribuiu para a redefinição das fronteiras africanas após o armistício, bem como, a consciencialização política dos africanos para a afirmação da sua cultura e identidades políticas e sociais no desenvolvimento das linhas pragmáticas que conduziram, mais tarde, às independências coloniais.

Palavras-chave: África, Colónias, Grande-Guerra; Primeira Guerra Mundial, Fronteiras

Abstract:

The participation of African soldiers in World War I is discussed and how this contributed to the redefinition of African borders after the armistice, as well as the political awareness of Africans to the affirmation of their culture and social and political identities in the development of pragmatic lines led later to colonial dependencies.

Keywords: Africa, Colonies, World War I, Political borders

1. Introdução

“Muitos (...) soldados, como outros africanos, nomeadamente os europeizados, esperavam que a participação numa guerra que não lhes dizia respeito fosse recompensada com melhorias constitucionais, económicas e sociais nos seus territórios de origem. Não o foram, o que deu azo a radicalização de um anticolonialismo latente. As elites africanas esperavam que os princípios da autodeterminação (e, de certo modo, a antecipação do princípio da nacionalidade) enunciados pelo presidente norte-americano T. W. Wilson em 1918 e outros também viessem a ser aplicados em África, o que só sucederia passados muitos anos; depois da Grande Guerra Mundial de 1939-1945. (Amaral, 2000:58)”.

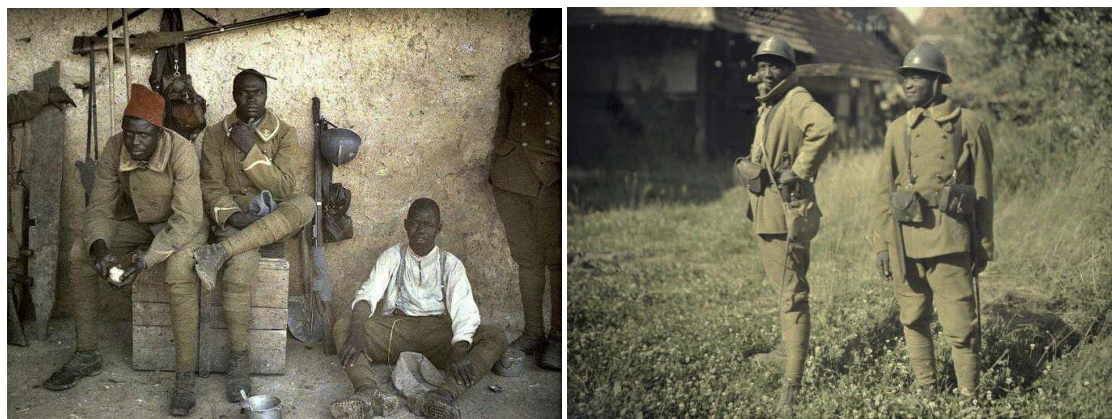


Foto 1: *Soldados africanos – senegaleses – na 1ª Guerra Mundial*¹

¹ SHAW, Al (2007), “*African Soldiers in World War One*” disponível em <http://alshaw.blogspot.pt/2007/12/african-soldiers-in-world-war-one.html>.

A entrada dos africanos na 1ª Guerra Mundial (ou a Guerra de 1914-1918, também dito, entre Nações colonialistas) aconteceu devido à necessidade dos europeus, em conflito, tentarem reverter a seu favor o desenrolar da guerra.

Como se sabe, as partes litigantes estavam enquadradas em duas distintas alianças ou blocos; de um lado a “Tríplice Aliança” (ou *Potências Centrais*, que englobava a Prússia – ora avante dito Alemanha – os Impérios Austro-Húngaro e Otomano e a Itália – esta depois trocou de bloco político-militar) e pela “Tríplice Entente” (ou *Entente Cordiale*, que associava o Reino Unido, a França, a Rússia – que depois abandona o bloco, devido à revolução Bolchevique – e os EUA, estes desde 1917, além de outros países como Portugal, Bélgica, Brasil ou Japão) (Almeida, 2004:56-58), conforme *Mapa 1*, relativo só aos países europeus.



As alianças militares no início da Guerra 1914-1918

(fonte: http://clasehistorias.blogspot.pt/2011_02_01_archive.html)

Deste grave conflito, onde, pela primeira vez, participaram tropas coloniais ao lado das diferentes potências colonizadoras, emergiu uma linhagem política que iria ter repercussões depois da II Guerra Mundial (1939-1945); ao retornarem às suas regiões de origem, os intelectuais das colónias, que participaram no conflito, trouxeram da guerra novas ideias e novos ideais que levaram ao início de movimentos nacionais de libertação, em nome da própria ideologia liberal europeia: era a génese da Descolonização em África e na Ásia (Almeida, 2004: 64-79).

Sobre esta questão, citemos Lopes (2006) que rememora numa conferência apresentada no Instituto João Paulo II², em Luanda, em Setembro de 2006, o facto de alguns reconhecidos investigadores internacionais ao analisarem “(...) *o impacto das duas guerras mundiais sobre o despertar do nacionalismo em África (Hernandez, 2003; Mbokolo, 2000; Davidson, 1980; Cornevin, 1972 e Ki-Zerbo, 1990)* [consideraram] *que a primeira guerra mundial encerrou um primeiro conjunto de acontecimentos que estremeceu a estrutura do colonialismo mundial*”³. Ainda de acordo com Lopes, não esquecer que pelo “*artigo 119 do Tratado de Versalhes de Junho de 1919, foram legalmente reconhecidos os desmoronamentos dos impérios alemão e otomano, cujas possessões passaram a ser divididas entre britânicos e franceses*” com a Conferência armistícia de Versalhes a admitir e celebrar “*ideias de auto-governo e de democracia representativa*”⁴ dos

² O Instituto Superior João Paulo II (ISUJPII) está integrado na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica de Angola (UCAN) – nota do autor.

³ LOPES, Júlio Mendes (2006), *O Percurso Político de um homem de Estado Africano: Léopold Sédar Senghor*, disponível em <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/O-Percurso-Politico-de-um-homem-de-Estado-Africano-Leopold-Sedar-Senghor.pdf>

⁴ Idem.

africanos participantes no exercício euro-bélico mas, paradoxalmente, acabava por determinar que nos territórios ultramarinos “o exercício administrativo-jurídico, articulado a uma teia de crenças e valores, reforçava a existência de indivíduos e nações dependentes e incapazes de formular e conduzir projectos político-sociais próprios do mundo moderno”⁵ e, por esse facto, levar a Sociedade das Nações, no redesenho do mapa da África pós-guerra, a argumentar que a solução seria a constituição de um regime de mandato sobre os territórios antes dependentes ou sob tutela das forças derrotadas.

E uma das consequências reais foi o facto dos combatentes africanos que regressavam aos seus territórios de origem, não viam, passado algum tempo, da parte das diferentes administrações coloniais, um efetivo reconhecimento da sua participação nesse conflito provocando diversas manifestações contestatárias e greves, reivindicações de ordem económica e social que iam desde as privações e exclusões próprias das práticas quotidianas até à exigência da aplicação do decreto de autodeterminação dos povos, como foi definida nos 14 pontos do presidente norte-americano, T. Woodrow Wilson, renovando a ideia básica aprovada já no Congresso da II Internacional Socialista, realizado em Londres em 1896, o que obrigou a Inglaterra e a França assinarem, em Novembro de 1918, uma declaração conjunta por meio da qual viriam a reconhecer a importância da emancipação dos “*povos oprimidos pelos turcos*”⁶. Com isso, os governantes coloniais anglo-franceses desmantelaram o Império Otomano através do reconhecimento da independência de um grupo de países árabes da África setentrional (Egipto,

⁵ Idem.

⁶ MANUEL, Segredo (2012) “*O Pan-africanismo e a sua dimensão para as independências africanas (Dissertação)*” disponível em: http://segremar-segredo.blogspot.pt/2012/07/o-pan-africanismo-e-sua-dimensao-para_7310.html

Líbia, Tunísia), esquecendo os seus demais territórios que continuaram a ser governados pelas potências coloniais vencedoras (Manuel, 2004).

Ou seja, apesar de todos africanos terem sido convocados para participar num conflito bélico que nada lhes dizia, mas que lhes poderia trazer possíveis vantagens administrativas que, como se recorda no texto de Ilídio Amaral (2000), se evidencia no início desta introdução, acabou por não se concretizar antes do final da Guerra 1939-1945, a II Guerra Mundial, e só uma parte acabaria por ter reais benefícios político-administrativos.

Analisemos, pois, a participação dos africanos na I Guerra Mundial, o conflito de 1914-1918 com maior ênfase – a quase totalidade – para os conflitos que ocorreram em territórios sob dominação colonial portuguesa; nos caos no Sul de Angola, região do Cunene, e no Norte de Moçambique.

2. As pré-crisis territoriais euro-africanas e o contributo para o fortalecimento das potências coloniais

Recordemos que a entrada das tropas coloniais – e vamos abordar só as tropas coloniais africanas – se deveu por uma parte da Europa em conflito se encontrar num impasse castrense tornando-se imperioso o apoio militarizado das forças coloniais africanas, acabando, também, por levar para o continente africano, a Grande Guerra 1914-1918; que acabaria por se fazer sentir e com uma intensidade mortal, tanto no sul de Angola, como no Norte de Moçambique, como na zona austral entre o Sudoeste africano germânico e a nova República da África do Sul ou no centro de África entre os territórios ultramarinos germânicos e os territórios anglo-franceses e belga, em particular no Golfo da Guiné e nos territórios dos Grandes Lagos, incluindo Quênia e Tanzânia.

De registar que os alemães não desejavam que o conflito europeu se estendesse aos territórios ultramarinos. Por exemplo, logo no início do conflito o governador alemão do Togolândia, pediu aos governos francês e inglês que considerassem adoptar e aceitar para esta área, a “*neutralização do território*” (Arenas Bermejo, 2012) de modo que os africanos não tivessem de testemunhar o espetáculo de uma sanguinolenta guerra que já ocorria entre os Europeus.

Todavia, a efectiva entrada das tropas coloniais africanas só ocorreu na chamada 3ª fase do conflito

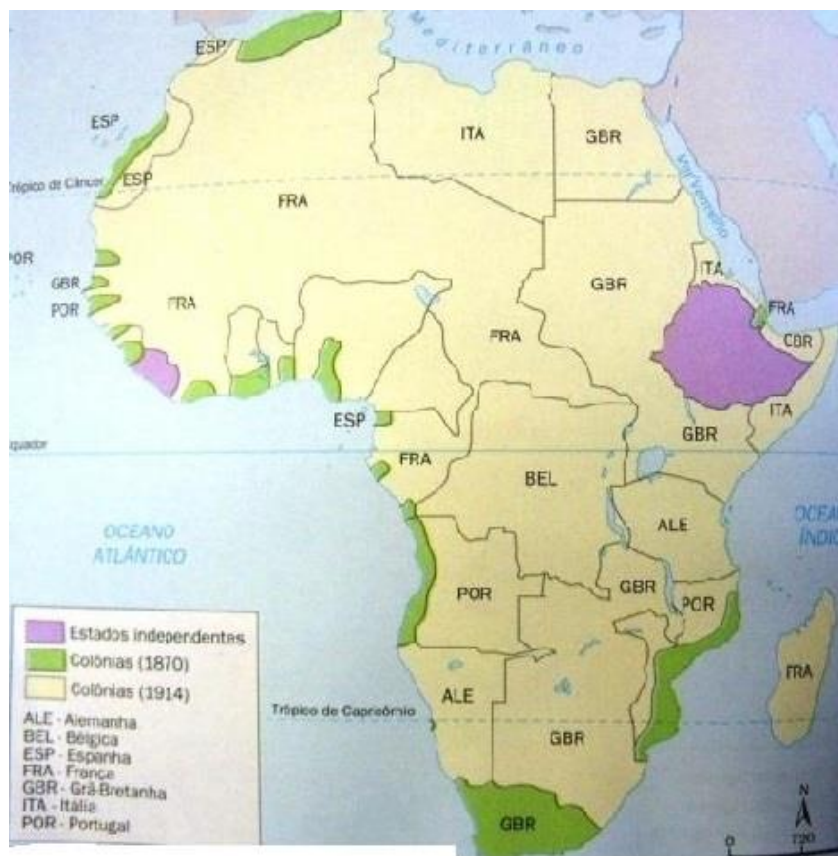
- a *primeira fase*, ou *guerra de movimento*, ocorre de 1914-1915 com a movimentação das forças em confronto – rápida ofensiva dos alemães sobre o território da Bélgica e da França em Setembro de 1914, com os franceses organizarem uma contraofensiva barrando o avanço de seus inimigos sobre Paris, na Batalha de Marne;

- **a segunda fase**, ou **guerra de posições**, vai de 1915 a 1917, e deve-se às movimentações de tropas na Frente Ocidental que, entretanto, dá lugar a uma **guerra de trincheiras** e foi nesta fase que ocorreu a troca da Itália da Tríplice Aliança para a Tríplice Entente; e
- **a terceira fase** (entre 1917 e 1918) – ficou marcada pela entrada definitiva dos Estados Unidos na guerra, além de tropas de outros países, como canadianos, australianos, neozelandeses, japoneses, indianos, chineses, brasileiros e, particularmente no caso em estudo, de muitos soldados africanos que viviam sob o colonialismo ou outras formas de dominação europeia)⁷.

Como se recorda em 1914 o continente africano estava dividido, predominantemente, entre 7 potências coloniais europeias (Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Portugal), conforme *Mapa 2*; apesar de haver outras potências interessadas no cobiçado projeto colonial africano.

No entanto, de salientar, que o Continente Africano já registava a existência de dois Estados independentes: a Abissínia (hoje, Etiópia) e a Libéria. Contudo, e ainda que sob domínio britânico, em 1910 – 31 de Março – os territórios austrais sul-africanos, declararam a constituição da União Sul-Africana.

⁷ “Fases da Primeira Guerra Mundial”, disponível em http://www.suapesquisa.com/guerras/fases_primeira_guerra.htm.



África colonial em 1914

(fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/imagem/%C3%A1frica-em-1914>)

Mapa 2

2. 1. Algumas crises europeias em África na formulação territorial

A necessidade de captar mais matéria-prima para suportar o desenvolvimento industrial das potências europeias, em especial, no caso da Grã-Bretanha (Inglaterra), França e a Alemanha terá levado estas potências a entrarem em guerra, facto que, na realidade, já se verificava há umas dezenas de anos no continente africano. Mas, também, o expansionismo territorial era uma das causas para o desenvolvimento da guerra.

Foi a *crise de Fachoda* (também se apresenta como *Fashoda*) (Almeida, 2004:49), entre a França e a Inglaterra (1898/99), no atual Sudão do Sul (a construção de ferrovias anglo-francesas que se intersectavam, a presença de forças expedicionárias antagónicas dos dois países e as movimentações prussianas junto de sobados africanos terão levado a França a assinar a *Entente Cordiale* que dava o Egipto à Inglaterra e Marrocos e parte do Sudão à França); para essa assinatura também contribuiu a *Crise Marroquina de 1905-1906* ou Crise de Tânger, provocada pelos prussianos que tentaram usar um questão emergente, a independência do Marrocos – facto repetido em 1911 com a ocupação naval de Agadir por parte de tropas alemãs⁸ –, a fim de aumentar os ancestrais atritos entre a franceses e ingleses, bem como para promover os interesses comerciais de alemães no Marrocos.

Se o principal objetivo de provocarem a declaração de independência de Marrocos foi conseguido, já uma eventual captação de apoio diplomático para as suas posições na conferência internacional resultante foi falhado. Esta crise piorou as relações dos alemães com franceses e britânicos – já de si deterioradas com a crise anglo-boer, adiante referida, – tendo, inclusive ajudado a garantir o sucesso da nova aliança anglo-francesa; ou a questão de Barotze (dirimida entre Portugal e Inglaterra, entre 1890 e 1905, sobre uma parte do território de Angola no Alto Zambeze) (Eduardo dos Santos, 1986); ou não esquecer a questão do *Mapa Cor-de-Rosa* provocada pelos ingleses que exigiram a entrega, por parte de Portugal, dos territórios compreendidos entre Angola e Moçambique, pelo Ultimato de 1886-90 e que contribuiria para levar à queda do regime monárquico em Portugal (Barroso, 2008).

⁸ “1911: Alemanha reconhece o domínio francês no Marrocos” disponível em <http://www.dw.de/1911-alemanha-reconhece-o-dom%C3%ADnio-franc%C3%AAs-no-marrocos/a-400991>

Ou seja, tudo questões territoriais em África sob domínio colonial das potências europeias. África era, já na altura e tal como hoje, um tabuleiro de xadrez onde as movimentações, que ocorriam, não eram entre simples e meros artefactos jogáveis, mas sobre territórios e vidas humanas e que se tornariam mais efetivas com a crise anglo-bóer.

2. 2. A crise anglo-bóer

Esta crise ocorreu entre 1899 e 1902⁹ e teve como protagonistas *bóeres* sul-africanos, agrupados nas Repúblicas do Transval e a República Livre de Orange (Campos, 1996: 55), e a potência colonial britânica, esta quase toda acantonada na região da Cidade do Cabo, na parte mais austral de África.

Como nota prévia não esquecer que o líder britânico da região sul-africana se chamava Cecil Rhodes e tinha como principal determinação ligar Cabo a Cairo por via-férrea e, por consequência tornar todos os territórios britânicos. O *Ultimato* foi uma das consequências; tal como o foi a crise de Fachoda (Almeida, 2004:49).

Acresce que nas novas repúblicas tinham sido descobertos enormes e riquíssimos jazigos de ouro e de diamantes o que as tornavam apetecíveis para o expansionismo britânico e *rhodesiano*¹⁰.

⁹ “Moçambique, Portugal e a Guerra Anglo-bóer de 1899-1902” disponível em <http://delagoabayword.wordpress.com/2010/10/15/mocambique-portugal-e-a-guerra-anglo-boer-de-1899-1902/>.

¹⁰ De Cecil John Rhodes, homem de negócios britânico e um dos principais fundadores da companhia diamantífera *De Beers Mining Company*, que se tonou no maior expansionista e colonizador britânico em África, deixando o seu nome a dois territórios, as *Rodésias* (nota do autor).

Esta crise levou que britânicos, com cerca de 500 mil homens bem armados, e bóeres, a maioria mal-armada e ruralizada (ou agricultores, *os bóeres*) se tenham confrontado pela ocupação territorial. Nesta altura, dois países acabaram por ser partes importantes nos confrontos anglo-bóeres: Portugal e Alemanha.

Enquanto os ingleses estavam bem armados, nomeadamente com metralhadoras *Vickers-Maxim*, e comandados, nomeadamente por Lord Kitchener – reconhecido pelas purgas feitas no Sudão onde praticou várias chacinas – os *bóeres* estavam armados com pequenas espingardas de desenhadas por um militar português e encomendadas numa fábrica algures na Europa, as Guedes; uma arma que os portugueses desistiram de usar e que os bóeres compraram baratas ao fabricante, ainda que com o selo régio de D. Luiz.

A crise anglo-bóer terminou com um tratado de paz que foi assinado no fim de Maio de 1902, com a inclusão das antigas repúblicas bóer no protetorado britânico que se tornaria mais tarde na União Sul-Africana sob domínio africânder, de ascendência bóer.

Se no cone austral tinha ocorrido um conflito por expansão territorial, também em Moçambique, mais concretamente na região de Quionga, em 1894 aconteceu uma anexação daquele território por parte da Alemanha (um pequeno território de cerca de 3000 km², na margem sul do rio Rovuma, junto à foz, incorporando-o na sua colónia germânica do Tanganica). Tudo na linha do que ingleses e germânicos tinham concluído em 1898 para a partilha dos territórios portugueses de Angola e Moçambique entre as duas potências (a quase totalidade de Angola e a zona moçambicana do Niassa iam para a Alemanha; enquanto o sul de Angola e todo o território moçambicano eram entregues aos ingleses). Esta pretensão acabou revogada

porque, ao contrário do que os *foreign office* anglo-germânico, Portugal não ter entrado em situação de rutura financeira e política; ainda assim, que o assunto voltou às câmaras diplomáticas anglo-germânicas em 1913, só anulada pelo conflito iniciado a 4 de Agosto de 1914 (Abecassis, 2014:19-20)

3. Os africanos no conflito de 1914-1918

Até recentemente a participação de africanos, principalmente os povos colonizados, era pouco considerada pelos meios académicos e políticos europeus; mais por estes que por aqueles.

Recentes documentos, entretanto, disponibilizados, mostram que a presença dos africanos foi muito maior do que parecia expectável.

Num recente apontamento colocado no blogue “*Philosopher’s Tree*”, o *blogger* Al Shaw (2007) recorda que a participação de expedicionários africanos (soldados e carregadores) junto das forças anglo-francesas se elevou a mais de 500.000 indivíduos; ainda de acordo com este *blogger* de entre os mais de 1.186.000 tropas francófonas mortas em combate, cerca de 71.100 eram provenientes das colónias francesas da Argélia, Madagáscar, Marrocos, Senegal e Tunísia (Quadro 1, no final deste estudo).

3. 1. A participação dos expedicionários africanos

3.1.1. Os expedicionários dos territórios franceses

Genericamente, as forças coloniais do África do Norte, agrupados no 19º Corpo expedicionário (reconhecido pelo “*Exército da África*”, cujo emblema era um crescente) participaram nos teatros de operações da França, na Turquia (Dardanelos), nos Balcãs e na Palestina (onde se distinguiram ao lado das tropas britânicas na decisão Nablus, de 19 a 25 de Setembro de 1918).

Entre 1914 e 1918 participaram no conflito, ao serviço da França, mais de 290,7 mil soldados magrebinos:

- 134.000 soldados da África Ocidental
- 173.019 argelinos;
- 80.339 tunisinos;
- 40.398 marroquinos;
- 34.400 malgaxes¹¹

No final da guerra, em Novembro de 1918, as perdas magrebinas ascendiam a 28.200 mortos e 7.700 desaparecidos.

Por sua vez, de notar que os militares da região do *Senegal*, globalmente integradas no corpo expedicionário da África Ocidental Francesa (AOF) são vistas como o primeiro corpo militar colonial francês, criado em 21 de Julho de 1857, pelo então governador da AOF, Louis Faidherbe. A participação senegalesa, no final do conflito ascendeu a mais de 135 mil militares (entre o conflito europeu e na Ásia) com mais de 30 mil vítimas (Albaret, 2013).

3.1.2. Os expedicionários anglo-sul-africanos

Já a participação de colónias e membros da *Commonwealth* foram mais evidentes na região oriental de África entre o Norte do então território português de *Moçambique* e a então *Rodésia do Norte* (Zâmbia) devido às penetrações militares levadas a efeito por tropas alemãs e expedicionários africanos da então colónia alemã de Tanganica sobre a região que ia das

¹¹ Cf. e Al Shaw e em <https://www.wdl.org/pt/item/4593/>

margens e foz do Rio Rovuma a Quelimane (Moçambique) e incursões em Niassalândia (hoje, Malawi) e Rodésia do Norte (actual Zâmbia).

De uma maneira geral as forças expedicionárias anglo-africanas vieram da Nigéria, Gâmbia, Serra Leoa (formavam o *West African Regiment* que chegou a incorporar cerca de 70.000 homens), Gold Coast (actual Gana), Quénia, Uganda, Niassalândia (Malawi), Rodésia (Zâmbia e Zimbabué) e África do Sul (estes com comando próprio). Terão participado cerca de 128 mil africanos anglófonos como combatentes e centenas de milhares como carregadores e auxiliares. Registaram-se cerca de 10 mil mortos entre os expedicionários africanos que combateram ao lado das tropas britânicas.

Por sua vez os sul-africanos, como mais adiante verificaremos, participaram, principalmente, em expedições na costa oriental de África, quer ao lado dos portugueses, quer combatendo as forças expedicionárias alemãs da *Ostafrika*. Foram, dentro das forças expedicionárias anglófonas, os que mais intervieram no conflito africano, ao colocaram nas zonas de guerra mais de 200.000 soldados, incluindo a *Active Citizen Force* (ACF – “*uma força uma força em "part-time", na qual, todos os homens entre os 16 e os 25 anos eram inscritos e de onde podiam ser escolhidos, no caso de não existirem voluntários suficientes para formar os batalhões de tropas regulares*” (Mourão, 2017: 24)), registando cerca de 10.000 vítimas, entre os seus soldados brancos e negros.

A principal força expedicionária africana, sob tutela inglesa, os *African Native Labour* foram os que tiveram maior visibilidade no conflito, por quando do afundamento do navio britânico *SS Mendi*, adiante desenvolvido.

3.1.3. As colónias germânicas da Ostafrika à Deutsch-Südwestafrika, a *Mittelafrika*

Os territórios alemães acabaram por ser os mais afectados no decurso do conflito. A potência alemã detinha, em África, o território da *Togoland* (ou Protectorado da *Togolândia* – posteriormente, designada por Togo e que, no final da Guerra, com algumas alterações de fronteiras, corresponde ao atual Togo e ao Gana); e a colónia de *Kamerun* (Camarões), - um território que tinha sido basicamente aumentado por quando da convenção franco-alemã assinada a 4 de novembro de 1911, decorrente da Crise de Agadir ou Segunda Crise de Marrocos – e que constituíam os domínios coloniais alemães da África Ocidental; a sul, encontrava-se a colónia de *Deutsch-Südwestafrika* – ou Sudoeste Africano Alemão e que corresponde à actual Namíbia. Na costa Oriental de África, existia a *Deutsch-Ostafrika* – ou África Oriental Alemã (*Tanganica, o Ruanda e o Urundi*, e que de certa forma e aproximadamente, são as actuais Repúblicas do Burundi, Ruanda e Tanzânia o *Triângulo de Quionga* (em Moçambique) e o *Wituland* (que, em 1890, foi integrado no Quénia). Constituía a *Mittelafrika* (Mourão, 2017: 1 & Coelho, 2014: 690).

Não há um número claro o que constituíram as forças expedicionárias alemães, as *Schutztruppe* (Mourão, 2017: 23); todavia, tendo por base vários autores e os números apresentados nas expedições na Costa Oriental de África, no Norte de Moçambique e no Sul de Angola, bem como na colónia camaronesa, poder-se-á avaliar a força expedicionária afro-germânica em

cerca de 65.000 africanos, entre carregadores e os cerca de 16.400 *Askaris*¹², e 10.450 europeus, dos quais 7.000 colonos com treinamento militar. De registar que, segundo Mourão (2017:23) a Togolândia não era defendida por uma companhia militar, mas por uma força policial, as *Polizeitruppe*, constituída por “152 homens, complementada com 416 polícias locais e 125 guardas de fronteira”, e deficientemente armada, sendo que quase todos só teriam carabinas *Jäger* modelo 1871.

3.1.4. Os territórios portugueses de Angola e Moçambique

Com o conflito, e durante o mesmo, alguns povos africanos aproveitaram-se para se rebelarem contra as potências colonizadoras como foram nos casos ocorridos em territórios franceses, com especial destaque para os sucedidos na África Ocidental, porque as lideranças locais forneciam às autoridades francesas potenciais recrutas, na sua maioria, jovens da camada inferior do estrato social, o que levou a haver insurgências contra as políticas francesas de recrutamento.

Muitos destes jovens procuraram escapar do recrutamento quer escondendo-se na selva, quer procurando abrigo Libéria ou refugiando-se nas colónias vizinhas britânicas e portuguesas; ou de Angola e Moçambique (Portugal) ou em algumas regiões sob domínio britânico em África, nomeadamente, em Niassalândia, onde um missionário norte-americano, John Chilembwe, liderou uma revolta. Chilembwe além de religioso era um radical

¹² Os *Askaris* (“*Soldados*” em árabe, somali ou em suaíli), ainda que sejam mais citados como sendo os que formavam as forças africanas alemãs, na realidade, quer britânicos, como italianos ou belgas – e há autores que também os colocam entre os portugueses – os denominavam assim.

anticolonialista; é importante ressaltar que esta revolta também teve como génese o alto nível de recrutamento militar forçado de Nysas, muitos dos quais foram posteriormente mortos em grande número nas primeiras semanas de combates.

3.1.4.1. Moçambique

A primeira investida alemã em território português ocorreu em Moçambique quando, na madrugada do dia 25 de Agosto de 1914, pouco depois de definida a atitude portuguesa no conflito europeu, forças provenientes do *Tanganika* (Tanzânia), dirigidas por dois europeus, atacam por surpresa o posto de Maziúá, na fronteira junto ao rio Rovuma (ver *Mapa 3*), saqueando-o e incendiando-o bem como muitas casas indígenas¹³.



Fronteira Norte de Moçambique (onde se vê Quionga e Maziúá)

(fonte: http://www.momentosdehistoria.com/MH_05_02_Exercito.htm)

Mapa 3¹⁴

¹³ Esta matéria está desenvolvida em “*Moçambique 1914-1918: Força Militar Colonial de Moçambique*”, disponível em http://www.momentosdehistoria.com/MH_05_02_Exercito.htm.

¹⁴ Adaptado pelo autor com base na fonte indicada. ALMEIDA, Eugénio Costa (2014), Os 100 anos da 1ª Guerra Mundial, in *Novo Jornal* 13 de Junho de 2014, página 22, disponível em: https://www.academia.edu/7406884/Os_100_anos_da_1a_Guerra_Mundial_in_Novo_Jornal

Outra das maiores batalhas em território moçambicano ocorreu nas margens do rio Nhamacurra, a norte de Quelimane, em Julho e Agosto de 1918.

Nhamacurra, era “*um eldorado de mantimentos e munições, fora indicada aos alemães pelas populações*” (Garcia b)¹⁵.que mantinham alguma fúria contra as forças coloniais portuguesas, em grande parte, ainda sob o efeito da revolta de Chilembwe, bem como da “*dissidência dos portugueses com os Ajauas e inflamar a resistência macua-lomuê*” (Garcia b)¹⁶.

Nesta batalha, que, como em anteriores, também se envolveram forças sul-africanas, comandadas pelo general *Smuts*. As forças germânicas, comandadas pelo coronel *von Lettow-Vorbeque* (ou *Worbeck*), eram constituídas por 15 companhias¹⁷, enquanto o destacamento aliado não ultrapassava 6 companhias: 3 portuguesas, duas das quais moçambicanas, e 3 britânicas (Martins, 1945:547 & Costa, 1932).

Segundo Proença Garcia, Nhamacurra terá representado o fim das operações dos Portugueses contra os Alemães, dado que esta batalha revelou a derrota da força anglo-portuguesa, sob comando o tenente coronel *Gore Brown* dos *King's African Rifles*, face a *Schutztruppe* que, no final do combate, ter-se-á apropriado de um “*precioso espólio de armamento, equipamento, mantimentos e medicamentos que seria aproveitado para suprir as faltas*

¹⁵ GARCIA, Francisco Proença, (s/data) disponível em http://www.triplov.com/miguel_garcia/mozamb/mozamb_03.htm.

¹⁶ Idem, Ibidem

¹⁷ As tropas da *Schutztruppe* eram comandadas por Paul Emil Von Lettow Worbeck, estavam organizadas em companhias e contavam com cerca de 12.000 *Askaris (tropas indígenas)* e 3.000 europeus (Garcia a)

logísticas alemãs”; tudo o que não foi possível aproveitar terá sido simplesmente queimado (Garcia *b*).

Uma das razões para esta derrota aliada e para o eventual afastamento português da contenda com os alemães ter-se-á prendido com quatro razões distintas, sendo que relativo às três primeiras Proença Garcia denomina-as de “*três inimigos de peso*” (Garcia *a*):

- 1. o clima e as condições sanitárias inacreditáveis causadoras de mais baixas do que o combate com os alemães;*
- 2. e a desorganização e ineficácia do Estado que se reflectiram na preparação dos contingentes;*
- 3. Os King’s African Rifles britânicos que se comportavam como um verdadeiro exército de ocupação e inclusivamente sublevavam as populações contra os portugueses; (algo, como veremos no ponto seguinte, também foi aproveitado pelos expedicionários alemães),*
- 4. von Lettow-Vorbeque dado não ter capacidade para manter um elevado número de prisioneiros, nomeadamente, indígenas, e sabendo que estes mantinham com as forças portuguesas, principalmente, um largo e contínuo litígio, libertava-os de imediato com a promessa de não mais voltarem a pegar em armas contra os alemães, e, depois, procurava aliciar a adesão das populações locais e incentivar à sua revolta contra os Aliados, chegando, por vezes, a armá-la, tornando as populações indígenas, além de fornecedores de alimentos, mulheres e guias, nos principais meios de informação sobre os Aliados (Garcia *b*).*

Mas, ainda citando Proença Garcia, depois da vitória em Nhamacurra, von Lettow-Vorbeque “*evita a cidade de Quelimane e inflecte para nordeste,*

seguindo paralelamente à costa e, evitando, sempre o contacto com as forças que os perseguiam, dirige-se para Angoche, de onde parte em direcção a Oeste. A 24 está a atravessar o rio Licungo, a 4 de Setembro o rio Lúrio, em Mtetere. O Lugenda foi passado próximo de Luambala e a 28 do mesmo mês o Rovuma, 30 km a Leste de Mitomoni, de volta à Ostafrika” (Garcia b).

As tropas de von Lettow-Vorbeque encontravam-se debilitadas e sentiam-se incapazes de fazerem frente a um eventual corpo expedicionário sul-africano que pudesse se encontrar nas redondezas e, particularmente, nas cidades, com especial destaque para Quelimane.

As forças expedicionárias do coronel von Lettow-Vorbeque abandonaram o território de Moçambique a 28 de Setembro de 1918 (Mourão, 2017).

2.200 forças do protectorado, 3.000 reservistas, 2.500 militares agrupados num corpo expedicionário (NCOS¹⁸), 436 oficiais e 1.500 soldados alemães) e 3 navios (*Sudibei*, *Rubens* e o cruzador *Koenisberg*). No final da guerra o corpo expedicionário germânico era constituído por 2.309 europeus e 11.621 soldados indígenas e 30.000 carregadores (Pires, 1924).

Por sua vez, o general Ferreira Martins aponta para um número um pouco menos elevado: 40.000 os mobilizados (onde se incluem 19.500 da parte portuguesa). Quanto às vítimas da guerra na região estas elevaram-se a 2.324 soldados (entre europeus e africanos) e 2.487 carregadores (Martins, 1945:548).

Os principais combates no sul da Tanzânia ocorreram em Nevala (ou Newala) e Nangadi, em Agosto de 1916; Nica, em Setembro de 1916, e Maúta, em Outubro de 1916. Na mesma altura, em 1915, e aproveitando-se da guerra entre as potências europeias, o povo Makonde¹⁹ rebelou-se (Pires, 1924), o que colocava as forças de defesa moçambicanas sob dois fogos.

Mas as principais forças africanas anglófonas em África foram sustentadas pelas forças *sul-africanas* que colocaram nos terrenos de acção mais de 200.000 soldados registando cerca de 10.000 vítimas entre os seus soldados brancos e negros. Ainda assim, registe-se a presença de soldados sul-africanos no teatro de operações europeus, nomeadamente, no canal inglês, quando em em 21 de Fevereiro de 1917, cerca de 600 soldados da *African Native Labour* – soldados africanos negros agregados ao corpo

¹⁸ Na realidade os NCOS ou *Noncommissioned officers* (NOC Corps na versão inglesa ou *Unteroffiziere*) eram um mais um corpo militar de treinamento que propriamente expedicionário (Perkioniemi, 2009).

¹⁹ Sobre os Makondes ver “Cultura Makonde” disponível em http://makonde.no.sapo.pt/cultura_makonde.html.

expedicionário britânico – foram mortos devido ao afundamento do navio britânico SS Mendi²⁰.

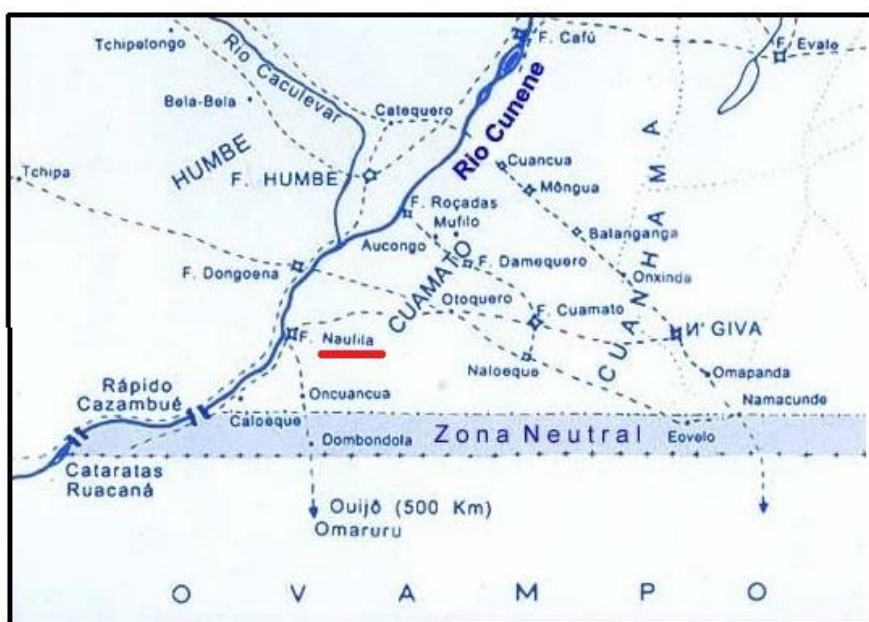
3.1.4.2. Angola

Em *Angola* houve diversas escaramuças resultantes da vontade alemã de juntar o sul do território à *Deutsch-Südwestafrika* (Sudoeste Africano/Namíbia). Duas das principais escaramuças verificadas, ocorreram logo no início do conflito, entre Outubro e Dezembro de 1914, com o massacre de Cuangar²¹, Cunene (Outubro), e quando um corpo expedicionário germânico proveniente das terras áridas do Sudoeste africano, lideradas pelo capitão Weiss atacou e desbaratou o corpo expedicionário português na Batalha de Naulila (18 de Dezembro)²² (*Mapa 5*).

²⁰ “SS Mendi” disponível em <https://historicensland.org.uk/whats-new/first-world-war-home-front/what-we-already-know/sea/ssmendi/>

²¹ *Guerra em Angola (1914)* disponível em http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang02.html.

²² Sobre a temática “*Batalha de Naulila*” há várias obras publicadas, algumas após 2014-2015; entre elas ver Rocha, 2014; Martins, 1945; e Mourão, 2017.



Mapa da região do Baixo Cunene, Sul de Angola,
e a Damaralândia (Ovampo). Namíbia.

(fonte: http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang011.html)

Mapa 5

Este ataque surgiu como represália pelo ataque e aniquilamento de uma expedição científica e comercial germânica a margem esquerda do Cunene em missão não autorizada, bem como a apreensão do comboio dos 11 carros bóeres, e que visava levar por diante a vontade germânica de criar a *Mittelafrika* que ia do eixo *Kamerun-Togolland*, e incluindo a bacia do Congo, até à do Zambeze (uma ligação do Atlântico ao Índico), o que contrariava as anteriores pretensões de divisão anglo-germânica anteriormente abordada (Fernandes, 2014). Da Batalha de Naulila resultaram a morte de cerca de 150 expedicionários portugueses e uma declaração de guerra da Alemanha, em Março de 1916. Com Cuangar e Naulila emergiram revoltas indígenas lideradas por Cuanhamas e Cuamatos (Angola) e por arrastamento bóeres e povos ovambos, até porque a região da Damaralândia (ou Damara, no Ovambo, Namíbia) do outro lado do Cunene tinha sido

invadida e ocupada por expedicionários sul-africanos comandados pelo general Bota.

Em 1915, os germânicos atacam o território angolano na região de Môngua, originando, em simultâneo, uma rebelião entre os povos Humbe, Cuanhama e Cuangar contra a presença portuguesa. Participaram neste conflito além das tropas germânicas de Damaralândia, 12.430 soldados luso-angolanos (387 oficiais portugueses e 12.043 luso-angolanos) bem como 2 companhias moçambicanas landins; no final do combate registaram-se cerca de 810 vítimas mortais entre as tropas expedicionárias portuguesas e angolanas (Martins, 1945:548-552)

4. A nova África pós 1918:

A Primeira Guerra Mundial deu origem a uma mudança fundamental na relação entre a Europa e África. Mais de dois milhões de pessoas na África fizeram enormes sacrifícios para que os aliados europeus superassem a sua crise político-militar. Cerca de 100.000 africanos de origem britânica e portuguesa morreram no leste da África; já na África do Norte francesa e África Ocidental Francesa cerca de 65.000 africanos perderam suas vidas.

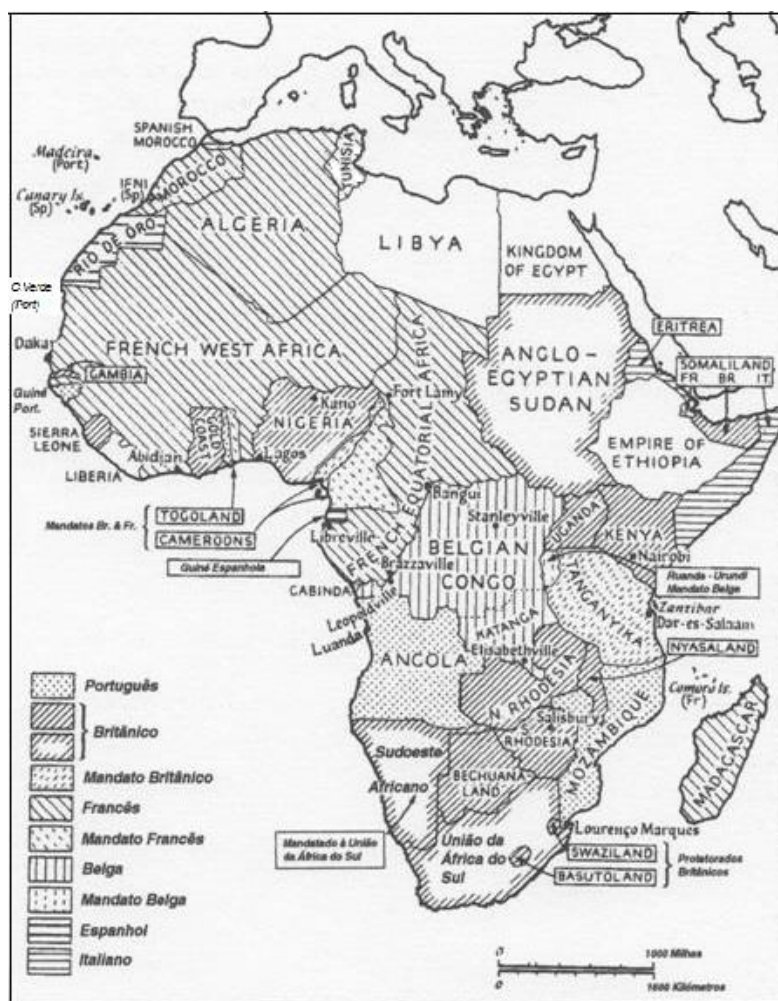
Mas as grandes mudanças ocorreram na redistribuição e no realinhamento das fronteiras coloniais.

Com o armistício de 11 de Novembro de 1918, foi idealizada e constituída a Sociedade das Nações (em 28 de Junho de 1919, foi assinado o Tratado de Versalhes, que, na Parte 1ª do Tratado, estabelecia a criação da Sociedade das Nações, ou Liga das Nações) a qual previa o estabelecimento da Comité da Tutela que distribuiu, em sistema de Mandatos, os territórios germânicos pelas potências vencedoras.

A Alemanha, como compensações de custos de Guerra, perdeu a totalidade das suas colónias que foram redistribuídas, nuns casos, ou redefinidas, em outros casos. A Togolândia foi entregue à França e os Camarões divididos entre a República francesa e o Reino Unido; a Tanganica entregue à administração britânica; a região de Ruanda-Urundi (Ruanda e Burundi) foi colocada sob tutela do reino da Bélgica; já o Sudoeste Africano tornou-se um protetorado britânico sob administração sul-africana.

Também as colónias portuguesas receberam compensações territoriais como já referido.

As fronteiras internas do continente africano, desenhadas, na maioria, na Conferência de Berlim – e que os alemães denominavam de Conferência da África Ocidental (*Westafrika-Konferenz*), decorreu entre 15 de Novembro de 1884 e 26 de Fevereiro de 1885 –, voltavam a ser redesenhadas (*Mapa 6*).



África após 1918

(fonte: CAMPOS, Armando de, "África do Sul, potência regional", p.62)

Mapa 6

Mas não foram só as fronteiras coloniais africanas que foram redesenhadas geograficamente. Movimentos políticos africanos despontaram e com eles a génese de um nacionalismo africano – bebido no revolucionarismo norte-americano e caribenho – com a criação de vários congressos que propunham a máxima “*África para os africanos*”; nascia o pan-africanismo (Maltez, 2003).

O primeiro congresso pan-africanista ocorreu em Paris, em Fevereiro de 1919 (seria o primeiro de seis Congressos que ocorreram entre 1919 e 1953) e que teve como principais organizadores o primeiro-ministro francês, na altura Georges Clemanceau (1841-1929) e Bliase Diagne (1872-1934), o primeiro deputado negro da Assembleia Nacional francesa e eleito pelo círculo ultramarino do Senegal (Almeida, 2011: 35); o segundo aconteceu em Setembro de 1921, com sessões em Londres, Paris e Bruxelas; o terceiro em Londres e com uma sessão em Lisboa, promovida pela Liga Africana; o quarto, em 1927, na cidade de Nova Iorque; o quinto, talvez o mais importante porque é aqui que, os africanos reclamam a “*completa e absoluta independência para os povos da África Ocidental*”, aconteceu em Março de 1945, na cidade inglesa de Manchester; mas seria o sexto, realizado em 1953, em Kumasi, Gana, o que teve mais impacto, quer pelo carisma do seu organizador, o príncipe Kwane Nkruma (1909-1972), quer porque neste Congresso o movimento emancipalista e a unidade africana ficaram inexoravelmente ligados e imparáveis com o Gana e Nkruma a serem considerados como os grandes impulsionadores das independências africanas da década de 60 do século XX (Almeida, 2011: 35-36).

5. Conclusão:

Como se expôs no decorrer do texto mais de um milhão de africanos participaram num conflito que não era deles e do qual resultou mais de 100 mil mortos entre soldados e carregadores (Quadro 1). A grande maioria, foram soldados da União Sul-africana (África do Sul) que começava a se tornar numa pequena potência em África, embora ainda, na época, sob a protecção britânica.

Outro facto importante esteve nas aspirações de dirigentes africanos que participaram no conflito: esperavam que a sua participação, em pé de igualdade com os seus companheiros de armas europeus e americanos, numa guerra que não lhes dizia respeito, mas que lhes foi imposta, lhes adquirisse melhorias constitucionais, económicas e sociais nos seus territórios de origem (Amaral, 2000:58).

Também a criação da Sociedade das Nações baseadas nos princípios do presidente norte-americano Wilson e a presença nesta organização internacional de um Estado africano, a Abissínia (Etiópia) permitia aos africanos aspirarem a um desenvolvimento emancipalista.

Isso não só não aconteceu, como alguns territórios acabaram por mudar de protetorado e submissão não esperada o que levou a um radicalismo anti-europeu e anti-colonialista que se consubstanciou nos 6 Congressos pan-africanistas. Emergiu uma vontade de auto-determinação e um princípio nacionalista que teria o seu apogeu no final da II Guerra Mundial de 1939-1945 e que resultaria, após o 6º Congresso pan-africanista, de 1953, nas independências coloniais dos anos 60 e que se prolongaram até o último quartel do século XX.

Simultaneamente, vários povos aproveitaram o conflito para se rebelarem contra o colonizador, como foram os casos de Angola (na região do Cunene: Cuanhamas, Cuamatos e Humbes), Moçambique e Tanzânia (com os Makonde) ou no delta do Níger, no Quênia e no Uganda (britânicos). Estas rebeliões foram, na maioria dos casos, forte e rapidamente aniquiladas.

Estas revoltas foram a génese de um nacionalismo emergente que teria o seu real e efetivo advento após o termo da 2ª Guerra Mundial quando as potências coloniais surgiram exauridas e completamente falidas do final deste 2º conflito mundial e com o apoio das duas emergentes potências vencedoras, cuja natureza política era serem anticolonialistas, os EUA e a União Soviética (URSS).

Resumindo:

1. Ao longo do estudo percebe-se que, apesar do o governador alemão do protectorado da Togolândia ter solicitado aos franceses e ingleses a “*neutralização*” do território”, de modo que os africanos não testemunhassem o espetáculo de uma guerra entre potências coloniais europeias, não só isso não aconteceu, como mais de um milhão de soldados africanos acabaram, ainda que forçados, na sua maioria, por participar da guerra; corresponderia, *grosso modo*, a cerca de 2% da população total do Continente africano, e mais de 20% dos combatentes africanos teria morrido; ou seja
2. O recrutamento forçado imposto pelas potências coloniais, nomeadamente pela França, nas suas colónias teve resultados catastróficos; verificou-se, quase sempre, uma resistência dos africanos e o declínio da produção agrícola e industrial (duas

- produções que, em tempos de guerra, eram tão ou mais necessárias para a sobrevivência das metrópoles);
3. Os soldados africanos foram, progressivamente, tornando-se instrumentos de rivalidades imperialistas. Ao entrar em contacto com outras realidades, esses soldados retornariam de posse de uma série de experiências políticas e socialmente explosivas; pelo que aliado a
 4. Alguns intelectuais africanos europeizados, em colaboração com o continente norte-americano e as Caraíbas, transformaram os seus grupos e associações profissionais, que, entretanto, foram criando após o aproximar do término da Guerra, em centros de turbulência política, com vista a estabelecer contactos pan-africanistas, pelo que o seu papel será importante no nacionalismo africano após 1945;
 5. Em 1919, em Versalhes, e na sequência do armistício de 11 de Novembro de 1918, regista-se a repartição das colónias alemãs entre as potências vencedoras (Bélgica, França, Grã-Bretanha, Portugal e União Sul-Africana), através da Comissão de Mandatos da recém-criada Sociedade das Nações; o que leva a que,

O continente africano, como se pode ver no Mapa 6, passava a registar uma nova distribuição de fracções territoriais pelas potências coloniais europeias vencedoras, e que se manteria até ao final da II Guerra Mundial (1939-1945) com o crescendo e reforço das aspirações revolucionárias que emergem com ordem mundial que o fim da guerra trouxe.

Territórios africanos participantes na 1ª Guerra Mundial

Territórios	Colónia	Número de soldados (estim.)	Outras participações	Locais de combates	Número de baixas (estim.)
Africa Ocidental (AOF) e Equatorial (AEF) Gana, Nigéria, Quénia Serra Leoa e Sudão -	Franceses	200.000	militares e carregadores e 180 mil magrebinos para trabalho	França, Norte de África e Palestina	71.000
	Britânicos	128.000	militares e carregadores (mortos 6200?)	África e Europa e Palestina	2.847
África do Sul	Britânica	200.000	militares e carregadores	África e Europa	25.000
Angola	Portuguesa	52.000	incluía 700 moçambicanos e 45.000 indígenas revoltosos	Cunene	1.000
Argélia	Francesa	173.000		França	(a)
Guiné-Equatorial	Espanhola			Fernando Pó e Rio Muni	
Kamerun (Camarões)	Alemã	41.000			
Madagáscar	Francesa	34.000	Dinheiro (5mio francos) e alimentos	França	milhares (a)
Marrocos	Francesa	25.000		França	(a)
Moçambique	Portuguesa	39.200	cerca de 90.000 carregadores	Rios Rovuma e Nhamacurra	100.000
Senegal	Francesa	135.000		França e Ásia	30.000
Tanganica (Tanzânia)	Alemã	24.000	entre militares e carregadores (e inclui 10 navios e fuzileiros britânicos e indianos; batalha de Tanga ocorrida de 3 a 4/Nov./1914, com derrota inglesa)	Tanga, Norte Tanzânia (actual Quénia) e Moçambique	1.230
Togoland (Togo)	Alemã			Tepe, Nsanakong, Gurin e Garua	
Tunísia	Francesa	80.400		França	(a)
Totais estimados		1.121.600			231.077

(a) Os valores das baixas expectáveis dos expedicionários africanos francófonos e britânicos estão incluídos no valores estimados no início da tabela. (fonte: vários - ver bibliografia anexa.)

Quadro 1

Referências bibliográficas

ABECASSIS, Fernando et al. (2014). *A Grande Guerra em Moçambique*, Lisboa, edição da Sociedade de Geografia de Lisboa.

ALMEIDA, Eugénio Costa (2014), Os 100 anos da 1ª Guerra Mundial, in Novo Jornal 13 de Junho de 2014, página 22, disponível em:

https://www.academia.edu/7406884/Os_100_anos_da_1a_Guerra_Mundial_in_Novo_Jornal (acedido em 19 de Junho de 2014).

ALMEIDA, Eugénio Costa (2011). *Angola: Potência Regional em Emergência*, Lisboa, Edições Colibri.

ALMEIDA, Eugénio Costa (2004). *África, Trajectos Políticos, Religiosos e Culturais*, Azeitão, Autonomia 27.

AMARAL, Ilídio (2000). “*Partilhas territoriais e coloniais na África ao sul do sara: jogos políticos africanos no rescaldo da guerra de 1914-1918*”, in *África e a Instalação do Sistema Colonial* (c. 1885 – c. 1930): III Reunião Internacional de História de África – Actas/direcção de Maria Emília Madeira Santos, Lisboa, IICT, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, pp. 47-70.

ARENAS BERMEJO, Nicanor (2012). *África en la primera guerra mundial*; disponível em: <https://es.slideshare.net/palabrista/frica-en-la-primera-guerra-mundial> (acedido em 20 de Dezembro de 2017).

BARROSO, Luís Fernando Machado (2008). *A Diplomacia 1890-1910: A Chave para a Manutenção do Império Africano*, in: Revista Militar n° 2476, Maio 2008, pp. 559-583.

CAMPOS, Armando de (1996). *África do Sul, potência regional*, Lisboa, edições ISCSP-UTL.

COELHO, Major-general Adelino de Matos (2014). *O expansionismo alemão em África*, in: Revista Militar N.º 2551/2552 - Agosto/Setembro 2014, pp 687-701.

COSTA, Mário (1932). *É o inimigo que fala: Subsídios inéditos para o estudo da Campanha da África Oriental, 1914-1918*, Lourenço Marques, Imprensa Nacional; disponível em http://www.momentosdehistoria.com/MH_05_02_06_Exercito.htm (acedido em 22 de Junho de 2014).

FERNANDES, Maria Alexandra S. (2014). *Geopolítica da Alemanha na Primeira Guerra Mundial: O Caso do Sudoeste Africano*, in: *Revista de Ciências Militares*, maio de 2014 II (1), pp. 65-86; disponível em: <http://www.iesm.pt/cisdi/index.php/publicacoes/revista-de-ciencias-militares/edicoes> (acedido em 6 de Junho de 2014).

GARCIA, Francisco Proença (s/data) - *a. Moçambique na 1ª Guerra Mundial – Do Rovuma ao Nhamacurra (1)*; disponível em http://triplov.com/miguel_garcia/mozamb/mozamb_02.htm (acedido em 19 de Junho de 2014);

GARCIA, Francisco Proença (s/data) - *b. Moçambique na 1ª Guerra Mundial – Do Rovuma ao Nhamacurra (2)*; disponível em http://www.triplov.com/miguel_garcia/mozamb/mozamb_03.htm (acedido em 19 de Junho de 2016);

LOPES, Júlio Mendes (2006). *O Percurso Político de um homem de Estado Africano: Léopold Sédar Senghor*; disponível em <http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/O-Percurso-Politico-de-um-homem-de-Estado-Africano-Leopold-Sedar-Senghor.pdf> (acedido em 2 de Junho de 2014).

MALTEZ, José Adelino (2003). *Pan-africanismo*; disponível em <http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/indexfro1.php3?http://www.iscsp.utl.pt/~cepp/ideologias/panafricanismo.htm> (acedido em 26 de Junho de 2014);

MANUEL, Segredo (2012). *O Pan-africanismo e a sua dimensão para as independências africanas* (Dissertação); disponível em: http://segremar-segredo.blogspot.pt/2012/07/o-pan-africanismo-e-sua-dimensao-para_7310.html (acedido em 14 de Maio de 2014).

MARTINS, General Ferreira (1945). *História do Exército Português*, Lisboa, Editorial Inquérito, pp: 516-552.

MOURÃO, Manuel F.V.G. (2017). *A Primeira Guerra Mundial em África*, in O Espaço da História, nº 10”; disponível em: <http://www.oespacodahistoria.com/index.php/ct-menu-item-15/primeira-guerra-mundial> (acedido em 20 de Dezembro de 2017).

PIRES, Capitão António J (1924). *A Grande Guerra em Moçambique*, Porto, edição do autor.

PERKIONIEMI, Jarod, (2009). *Army NCO History (Part 5): World War I*, in: ARMY POSTURE STATEMENT 20th Public Affairs Detachment, March 11, 2009; disponível em https://www.army.mil/article/18046/army_nco_history_part_5_world_war_i (acedido em 20 de Dezembro de 2017).

RÉMOND, René (1994). *Introdução à história do Nosso tempo: Do antigo regime aos nossos dias*, 1ª edição, Lisboa, Gradiva Publicações.

ROCHA, João Maniel (2014). Angola a Frente Esquecida, in: jornal Público de 31 de Agosto de 2014; disponível em: <https://www.publico.pt/2014/08/31/culturaipsilon/noticia/angola--a-frente-esquecida-1668060> (acedido em 12 de Fevereiro de 2018).

SANTOS, Eduardo dos (1986). *A questão do Barotze*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical; (CDU 341.24:341.222).

STRACHAN, Hew (2004). *The first world war: The First World War in Africa*, New York, Oxford University Press Inc.

“*África: passado e presente* (conferência do Dr. Alberto da Costa e Silva)”; disponível em <http://porumahistoriadaafrica.blogspot.pt/2012/05/este-video-com-dr.html> (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*África e africanos na primeira guerra*”; disponíveis em: <http://porumahistoriadaafrica.blogspot.pt/2012/09/africa-e-africanos-na-primeira-guerra.html> (acedido em 14 de Maio de 2014) e [http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_da_%C3%81frica_Ocidental_\(Primeira_Guerra_Mundial\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_da_%C3%81frica_Ocidental_(Primeira_Guerra_Mundial)) (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*A Declaração de Guerra da Alemanha a Portugal*”; disponível em <http://grandeguerra.blog.com/> (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*A Primeira Guerra Mundial*”; disponível em <http://professormarcianodantas.blogspot.pt/2013/01/a-primeira-guerra-mundial.html> (acedido em 3 de Junho de 2014).

“*Guerra em Angola (1914)*”; disponíveis em http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang02.html, http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang011.html, (a) http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang012.html (b) e http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm_ang04.html (c) (accedidos em 6 de Junho de 2014).

“*African theatre of World War I*”; disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/African_theatre_of_World_War_I (accedido em 14 de Maio de 2014).

“*African participants in the First World War*”; disponível em <http://www.mgtrust.org/afr1.htm> (accedido em 14 de Maio de 2014).

“*Colonies dans la Première Guerre mondiale*”; disponível em http://fr.wikipedia.org/wiki/Colonies_dans_la_Premi%C3%A8re_Guerre_mondiale (accedido em 14 de Junho de 2014).

“*Fases da Primeira Guerra Mundial*”; disponível em http://www.suapesquisa.com/guerras/fases_primeira_guerra.htm (accedido em 3 de Junho de 2014)

“*Cultura Makonde*”; disponível em http://makonde.no.sapo.pt/cultura_makonde.html (accedido em 16 de Maio de 2014).

“*Moçambique, Portugal e a Guerra Anglo-boer de 1899-1902*”; disponível em <http://delagoabayword.wordpress.com/2010/10/15/mocambique-portugal-e-a-guerra-anglo-boer-de-1899-1902/> (accedido em 16 de Maio de 2014).

“*Moçambique 1914-1918: Força Militar Colonial de Moçambique*”; disponível em http://www.momentosdehistoria.com/MH_05_02_Exercito.htm (acedido em 16 de Maio de 2014).

OBSERVARE (2014), *Livro de Actas “II Congresso internacional do Observare: Guerra Mundial e relações Internacionais, 100 anos depois de 1914”*, Lisboa, edição EDIUAL; também disponível em <http://docplayer.com.br/16364406-Actas-observare-2-nd-international-conference-ii-congressointernacional-do-observare-2-3-july-2014-2-3-julho-2014.html>.

“*Première Guerre mondiale: "Les régiments maghrébins parmi les plus décorés"*”; disponível em <http://www.france24.com/fr/20140130-premiere-guerre-mondiale-troupes-maghreb-tirailleurs-marocains-algeriens/> (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*SS Mendi*”; disponível em <https://historicengland.org.uk/whats-new/first-world-war-home-front/what-we-already-know/sea/ssmendi/> acedido em 16 de Maio de 2014.

“*The story of Africa: Between world wars (1914-1945)*”; disponível em <http://www.bbc.co.uk/worldservice/africa/features/storyofafrica/13chapter2.shtml> (acedido em 24 de Junho de 2014).

“*Um dia para o Exército Africano e para as tropas coloniais*”; disponível em <https://www.wdl.org/pt/item/4593/> (acedido em 20 de Dezembro de 2017).

“*1911: Alemanha reconhece o domínio francês no Marrocos*”; disponível em <http://www.dw.de/1911-alemanha-reconhece-o-dom%C3%ADnio-franc%C3%AAs-no-marrocos/a-400991> (acedido em 4 de Junho de 2014).

“1914-1918: au coeur de la Grande Guerre” in Jeune Afrique; disponível em

<http://www.jeuneafrique.com/Articles/Dossier/JA2763p160.xml1/france-afrique-francafrique-premiere-guerre-mondiale1914-1918-au-coeur-de-la-grande-guerre.html> (acedido em 19 de Junho de 2014).

“1914-1918 *Les soldats nord-africains – Monuments et sépultures*”, collection Les Chemins de la Mémoire, Délégation à la mémoire et à l'information historique, Ministère des anciens combattants et victimes de guerre, 1996; disponível em <http://www.theatre-contemporain.net/spectacles/Les-Coloniaux/ensavoirplus/idcontent/13741> (acedido em 23 de Junho de 2014).

Mapas, quadro e fotos:

ALBARET, Laurent (2013), “*Les tirailleurs sénégalais dans la Première Guerre mondiale*”, disponível em <http://www.wadecomics.com/les-tirailleurs-senegalais-dans-la-premiere-guerre-mondiale/> (acedido em 19 de Junho de 2014).

GARCIA, António Luis Diaz (2011) disponível em <http://clasehistorias.blogspot.pt/2011/02/mapa-flash-sobre-la-i-guerra-mundial.html> (acedido em 3 de Junho de 2014)

SHAW, Al (2007), “*African Soldiers in World War One*” disponível em <http://alshaw.blogspot.pt/2007/12/african-soldiers-in-world-war-one.html> (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*Première Guerre mondiale : "Les régiments maghrébins parmi les plus décorés"*”, disponível em <http://www.france24.com/fr/20140130-premiere-guerre-mondiale-troupes-maghreb-tirailleurs-marocains-algeriens/> (acedido em 14 de Maio de 2014).

“*L’Album de la Guerre (1914-1918)*” (1924), Paris, édition L’ Illustration (disponibilizado pela biblioteca da Academia Militar).

“*Fotos diversas de soldados africanos*”, disponível em: https://www.google.pt/search?q=African+soldiers+in+WW!&es_sm=93&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=Dn9zU_GrKMiy0QXh1IGADw&ved=0CDkQsAQ&biw=1280&bih=675 (acedido em 20 de Junho de 2014)

“*Fotos de soldados das Colónias francesas*”, disponível em. https://www.google.pt/search?q=Soldats+africains+dans+la+Premi%C3%A8re+Guerre+mondiale&es_sm=93&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ei=-oBzU-TPG-PJ0QX4zoHQDg&ved=0CEwQsAQ&biw=1280&bih=675 (acedido em 20 de Junho de 2014).

Identificação:

1. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Centro de Estudos Internacionais, Lisboa, Portugal (Investigador Integrado)
2. Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL), Lisboa, Portugal (Investigador Associado)
3. Doutoramento em Ciências Sociais, especialidade de Relações Internacionais. Tem em execução projeto de Pós-Doutoramento sobre as “Organizações Regionais e de Segurança Externa no Atlântico austral: os casos da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZOPACAS) e da Comissão do Golfo da Guiné” através da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto. Participa em seminários e conferências; publica regularmente, artigos em revistas da especialidade e órgãos de informação, sobre a temática Africana; *igualmente referenciado como reviewer de textos científico*. Tem quatro ensaios publicados.

^a elcalmeida@gmail.com.